

tica dos saberes, a ideologização política e economicamente interesseira das universidades e da pesquisa, a retenção narcisista do poder pela ciência e pela tecnologia, a fragmentação ilimitada e destruidora da unidade e inter-relacionalidade holística complexa dos saberes, a concepção de que as possibilidades da ciência e da tecnologia são ilimitadas, a separação estanque entre ciências do espírito e ciências naturais, a destruição e violação da vida pela pesquisa, etc. A teologia protestante contribui, desta forma, para a necessária transversalidade do saber humano.

7. Resumindo: a fé cristã, articulada de modo científico pela teologia cristã na própria igreja cristã, no trabalho ecumênico, inter-religioso e interdisciplinar existentes no contexto do ensino superior, *coopera para a liberdade e para a libertação da ciência* dos poderes caóticos e anárquicos que a ameaçam, auxiliando-a progredir na postura de uma humildade consciente de suas possibilidades e de seus limites, e respeitando a vida, os direitos humanos, a ecologia e as exigências de uma cidadania eticamente responsável numa sociedade pluralista e globalizada. A teologia cristã é articulada, em todos os níveis arrolados, como expressão do exercício da *liberdade cristã*, que é marcada pelo binômio *fé e amor*. Por esta razão ela pode e quer contribuir para que também as demais ciências alcancem tal liberdade. A saber, liberdade para se enxergarem como algo que faz parte de uma realidade apenas *penúltima* – este mundo transitório e finito –, mas que está destinada a prestar contas perante uma realidade *última* – o Deus triúno, que julgará e consumará a humanidade e suas realizações científico-culturais, a história e o cosmos: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Apocalipse 21.5).

FAMÍLIA: CAMPO MISSIONÁRIO PARA UMA IGREJA URBANA

Carlos Tadeu Grzybowski*

I. A FAMÍLIA COMO OBJETO DA GRAÇA DE DEUS

Iniciar este artigo com a afirmação de que a família é o projeto de Deus para a humanidade seria talvez o mais óbvio e o mais repetitivo de todas as afirmações, mas exatamente por sua qualidade basal é que queremos nos firmar na mesma para uma reflexão sobre o campo de missão para uma igreja urbana.

Podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que a constituição da família é o primeiro movimento da graça de Deus para com o homem recém-criado. A narrativa bíblica é enfática em afirmar que em toda a perfeição da criação divina havia uma incompletude – a insatisfação do homem com sua solidão existencial (Gênesis 2.18).

Deus então, em um movimento de graça, vem ao homem e lhe proporciona uma companhia que o tira de sua solidão existencial. Segundo as palavras de René Padilla¹:

“O sentido de ‘ezer kenegdo’ (auxiliadora idônea) não é de ajudante subordinada, como se ela tivesse sido feita para ser uma escrava doméstica colocada a serviço do homem. Das vinte e uma vezes que o termo ‘ezer’ aparece no Antigo Testamento, quinze servem para descrever a Deus como ajudador de pessoas em situações de necessidade”.

* O psicólogo Carlos Tadeu Grzybowski (Ms.) é Coordenador Geral de Eirene do Brasil, autor e tradutor de obras na área psicológica e psico-teológica.

¹ MALDONADO, Jorge, *Fundamentos Bíblico-teológicos do Casamento e da Família*. Tradução de Carlos T. Grzybowski. Viçosa: Editora Ultimato 1996, p. 48 (cap. 3).

É este movimento gracioso de Deus em relação ao solitário homem habitante do paraíso que se constitui a base de toda a família. Simbolicamente continuamos reproduzindo este ato de graça em cada nova cerimônia de casamento quando o pai, como legítimo representante de Deus, entrega sua filha (criação) ao homem (marido) que, solitário, a aguarda em frente ao altar.

A compreensão da família como primeiro movimento de graça de Deus para com o homem me conduz à idéia sempre contínua de que é também a família o objeto de constante atenção de Deus hoje e onde Ele continua manifestando Sua graça em um movimento de resgate contínuo e de amor incondicional.

II. ENTENDENDO O CAMPO DA MISSÃO

O fracasso da fidelidade adâmica faz com que Deus mobilize um grande projeto para recobrar o companheirismo do homem (aqui entendido como humanidade) “na virada do dia”. A descendência imediata de Adão se corrompe e, apesar de Enoque alcançar alto grau de companheirismo com Deus a ponto de que “já não era, porque Deus o tomou para si” (Gênesis 5.24), a humanidade se corrompe a ponto de Deus ver que ‘era continuamente mau todo desígnio do coração do homem’.

Uma nova humanidade é projetada em Noé (Gênesis 6.13), mas não como indivíduo e sim como família (Gênesis 6.18)². A aliança é renovada no pós-dilúvio e o mandato outorgado a Adão é repetido a Noé (Gênesis 9.7). Porém novamente o homem fracassa (Gênesis 9.20 a 11.9) e é disperso pela terra.

Abraão é chamado por Deus para nova tentativa de resgate do homem³. Todavia o chamamento não é para estender a bênção divina aos indivíduos, mas às famílias (Gênesis 12.3). Desta forma o povo de Israel estava chamado a ser um povo missionário – ser bênção para todas as famílias da terra! A missão deve ser entendida dentro desta perspectiva: “*ser bênção para todas as famílias da terra*”.

O derradeiro e maior projeto de restauração do homem à comunhão

² Cf. QUIJADA, Dorothy Flory. *La Familia en La misión de Dios*. Quito: EIRENE Publicaciones 1988.

³ Cf. BLAUW, Johannes. *The Missionary Nature of the Church, A Survey of the Biblical Theology of Mission*. New York: McGraw Hill Book 1962.

consigo mesmo, Deus estabelece em Jesus Cristo. Segundo o protótipo dos modelos anteriores de MISSÃO, Jesus vem ao mundo no contexto de uma família (Mateus 1.18). Além de pai e mãe, Jesus teve irmãos e irmãs (Mateus 13.55-57) e cresceu dentro deste contexto familiar.

Todavia, no projeto de restauração do homem através de Jesus Cristo, não só está prometida a bênção às famílias, mas ultrapassando este conceito, Jesus nos convida a participar de uma nova família – a família da fé (Marcos 3.31-35).

Uma nova família que tem um único Pai “*nosso que está nos céus*” (Mateus 6.9) e cujos laços de pertencimento são tecidos no vínculo do amor. (João 13.33-34). Desta forma a missão de Cristo culmina na constituição da Igreja que reafirma o mistério da unidade de unidades, ou seja: é uma família constituída de famílias. O mesmo acontece no mistério da Trindade: uma unidade de unidades.

Quijada⁴ nos afirma: “*A missão de Cristo nasce da comunhão e comunicação que existe entre Pai e seu Filho, caracterizada pelo amor*”.

Desta forma o entendimento de missão não deve estar limitado ao conceito de proclamação verbal, muito menos ao exclusivo conceito de missão transcultural como é entendido muitas vezes dentro do meio cristão evangélico hoje em dia.

Missão é, neste entendimento, toda a ação que visa a restauração do homem (humanidade) ao projeto inicial de Deus da comunhão consigo mesmo e do modelo relacional divino com a família constituída e não somente com o indivíduo. Neste sentido, missão pressupõe e inclui a restauração de famílias e valores familiares, em especial dentro de uma cultura avassaladoramente antifamiliar que é a cultura neoliberal pós-moderna, que queremos considerar a seguir:

III. A FAMÍLIA PÓS-MODERNA ATUAL

A Idade Moderna se inicia com o grande sonho de, através da circunavegação, integrar os povos e os continentes. Era o início do processo hoje entendido como “globalização”.

Somado a este processo temos o pensamento cartesiano, os conceitos darwinianos e a física newtoniana, tripé do Iluminismo, que propunha tirar o

⁴ In: MALDONADO, Jorge. Op. cit., p. 145.

mundo da “Idade das Trevas” (como ficou conhecida a Idade Média) e alavancar o homem para o espectro da fé incontestável nas ciências.

A ciência se propunha a ser a solução para todos os mal-estares da humanidade e, em longo prazo, trazer à realidade os sonhados elementos místicos medievais: a fonte da eterna juventude e a pedra filosofal ou a riqueza abundante para todos.

Alguns filósofos chegaram a considerar a idade de ouro da civilização, onde o ser humano não necessitaria mais de apegar-se às “fantasias” místicas para vencer o medo da morte, porque a ciência e o avanço tecnológico logo trariam todas as respostas esperadas.

Todavia as duas Grandes Guerras do século XX trouxeram um espírito de frustração na ciência e na humanidade. Toda a tecnologia desenvolvida até então passa a ser utilizada para a destruição em massa e muros separam mais os povos que os oceanos. Alguns pensadores modernos acreditam que aí se encerra a Idade Moderna e se inicia o Pós-modernismo, com suas conseqüentes influências para o ser humano e para a família.

Naturalmente a primeira e maior destas conseqüências foi a *desilusão* da aproximação dos habitantes do planeta através do avanço tecnológico e científico. Muros são construídos!

O primeiro muro que se constrói divide o mundo entre capitalistas e comunistas, ambos reivindicando para si a autodenominação de “verdadeira liberdade” e criando mais de uma geração sob a ameaça da destruição imediata, debaixo da chamada guerra fria. Quando o primeiro muro caiu, em Berlim, o mundo se deu conta que outro já havia se erguido: o muro entre países ricos e pobres – representado pelo imperialismo econômico neoliberal de Wall Street. Muro invisível, todavia mais sólido que o primeiro.

A desilusão de um futuro substitui a esperança na ciência e novas gerações passam a um processo de autodestruição: da camada de ozônio, do lixo irreciclável, da desesperança de empregos e do incremento do tráfico de drogas e da violência.

Tal desilusão trouxe como resultado o incremento do *individualismo*. Hoje vemos as pessoas buscando iniciar uma família, não tanto para criar vínculos significativos e duradouros, mas para extrair do relacionamento os benefícios pessoais enquanto for possível. Assim as pessoas casam não com a idéia de doar-se ao cônjuge, ou de amar incondicionalmente a ponto de entregar a própria vida pelo outro.

Antes casamento virou sinônimo de um contrato comercial onde as partes se comprometem a manterem o negócio enquanto ambos estiverem tirando nítidas vantagens pessoais do mesmo. Caso contrário o divórcio fácil

e a busca de novas opções de mercado são sempre soluções rapidamente buscadas.

Outro resultado desta desilusão foi a entrega ao Estado de muitas das *funções* que eram pertinentes ao contexto exclusivo da família. O casamento, a educação dos filhos, o cuidado com a saúde, com os idosos, etc., passam, progressivamente, do domínio do particular para o público e têm as seqüelas que todos estamos sofrendo.

O casamento civil no Brasil, por exemplo, só inicia com a República e depois disto o Estado se outorga o direito de legislar sobre como devem ser os casamentos, quem pode se considerar casado ou não e como e quando se pode romper o casamento. Historicamente o casamento era uma cerimônia familiar, celebrada pelos pais dos nubentes e os respectivos convidados, dentro das casas, com um cortejo que se iniciava na casa do noivo e seguia até a casa da noiva, em vários dias de celebração. Na Idade Média este cortejo passava defronte ao templo e ali recebia a benção do sacerdote e posteriormente foi trazido para dentro do templo. Hoje os casamentos ocorrem no cartório e o tempo da festa dura algumas horas. Ou ainda, na nova legislação, ocorrem sem cerimônia alguma, pois após alguns anos de convivência sob o mesmo teto, o Estado reconhece este relacionamento como família!

A ingerência do Estado no processo de *educação dos filhos* aparece desde as formas mais sutis, como na determinação dos conteúdos programáticos das escolas, que vem prontos e que muitas vezes incluem transmissão de valores, como no caso dos programas de educação sexual das escolas que são dados nas aulas de biologia e que tratam o assunto como uma função exclusivamente biológica do ser humano; até no processo educacional interno das famílias – ingerindo em temas tais como a disciplina dos filhos.

Em nome da defesa do menor, muitos pais são coibidos de disciplinarem seus filhos, que se aproveitam da situação para criarem verdadeiras ditaduras infantis. É óbvio que não desconhecemos que a intenção da lei foi coibir os abusos de autoridade por parte dos pais, em muitos lares, que acabavam violentando seus filhos, em nome da disciplina. Entretanto coibir a violência gerando outra violência - condenar os pais a serem escravos dos caprichos dos filhos - é igualmente errôneo. Sem falar na seqüela em longo prazo de crianças que crescem sem limites e que se tornarão adultos perversos!

Vivemos num sistema que tem uma ideologia definida – o capitalismo neoliberal! Esta ideologia infiltra-se em todos os âmbitos de nossa vida e produz um estereótipo do que é o homem ‘ideal’ ou bem-sucedido. É aquele sujeito empreendedor, com estabilidade profissional e financeira que, ao che-

gar à meia-idade, em torno dos 40 anos, já tem certo conforto material para oferecer à sua família e a si mesmo, podendo desfrutar de seu patrimônio junto a um grupo social de iguais.

A tirania do TER sobre o SER faz com que muitos pais estejam mais preocupados com o conforto material que com o bem-estar emocional e com uma participação efetiva no mundo de seus filhos e então se empenham em dar o melhor que o mercado, a ciência e a tecnologia podem oferecer a seus filhos.

O principal prejuízo desta não participação dos pais na vida dos filhos é o afetivo. Os filhos que crescem sem terem pais que os abracem, beijem, brinquem com eles e lhes dêem de seu tempo e cuidado, irão na adolescência, buscar isso fora do lar. Em geral sofrerão o déficit desta falta e procurarão preencher de formas disfuncionais, em atividades que despertem a atenção dos adultos e os coloquem em evidência – é uma forma de se sentirem amados pelo avesso. Melhor é receber uma atenção negativa que nenhuma atenção!

Finalmente o pós-modernismo elevou ao máximo a *relativização dos valores*, centrando no indivíduo e na busca hedonista do prazer a definição do certo ou errado. Não mais a família, mas atualmente, na maioria das vezes, a mídia é quem define o que é certo ou errado e isso sempre tendo como referencial o que lhe causa prazer ou não.

Por exemplo: fazer sexo com o maior número de parceiros lhe causa prazer, então é certo, diz a mídia e o errado é o ‘arcaico’ compromisso matrimonial – ‘nova mentalidade’, ‘cabeça aberta’, ‘casamentos abertos’, compromissos transitórios, são resultados desta relativização dos valores. Aliás, o único absoluto é que tudo deve ser relativizado.

Todos estes processos têm como resultado uma sociedade mais violenta, mais isolada e cada vez mais com condutas definidas pelo fisiológico, o que nos torna mais semelhantes aos animais inferiores.

IV. AÇÃO MISSIONÁRIA COM FAMÍLIAS PÓS-MODERNAS

Costurando as idéias acima expostas de estreito vínculo entre família e missão e do modelo de família que encontramos hoje em nossa sociedade, queremos refletir em algumas ações missionárias para com as famílias ao nosso redor.

Como transmitir o evangelho às famílias tão contaminadas pelos valores de uma sociedade pós-moderna, onde o cristianismo é apenas “mais uma

opção de mercado”⁵, sem que o mesmo seja confundido com a religiosidade “oficial”?

Em primeiro lugar creio que devemos falar num *estilo de vida atrativo*, integrado ao contexto no qual vive. Uma família cristã não deve estar alienada de seu meio, evitando tudo e a todos para “não se contaminar”. Antes deve ter uma vida participativa e integrada na comunidade. Obviamente tendo bom senso e responsabilidade de estabelecer limites nesta participação, com a sabedoria e a firmeza de saber dizer não a atividades que vão contra os princípios cristãos.

“Para dizer certos NÃOOS com firmeza, não é preciso esconder-se atrás de um linguajar crentês, descontextualizado e incompreensível. Basta resgatar os valores do Evangelho pela pessoa em oposição ao conceito ultra-individualista do neoliberalismo contemporâneo que trata o outro como objeto de prazer”⁶.

Respeitar o outro como uma PESSOA de inestimável valor que é enquanto ser humano e que, como tal, não deve ser USADO somente para meu benefício pessoal e descartado em seguida. Isso é contra-cultura numa sociedade pós-moderna, individualista e egocêntrica. Oferecer-se para ajudar a seus vizinhos em um reparo ou conserto que estejam fazendo na residência ou convidar uma família de menos recursos para um almoço de domingo em sua casa são alguns exemplos de “dar a vida em favor de seu próximo” (1 João 3.16 e 17). Dar de seu tempo, de suas habilidades ou mesmo de seus recursos materiais é manifestação concreta de amor a Deus e amor ao próximo. São atitudes assim que evocam os valores mais profundos do evangelho.

Precisamos aprender a olhar para as famílias ao nosso redor mais profundamente, em suas necessidades efetivas e não apenas em cumprimentos superficiais. Estar presente quando uma família necessita de apoio real e concreto, como situações de apertos financeiros ou em momentos de solidão pela ausência da família extensa, às vezes em outra cidade.

As famílias ao nosso redor, nossos vizinhos, colegas de trabalho, têm necessidades emocionais: sofrem, choram, se alegram, sentem-se solitárias ou necessitam de apoio; gostam de serem lembradas nos aniversários e, de todas as formas, querem sentir-se amadas.

⁵ Cf. AMORESE, Rubem M. *Icabode, da mente de Cristo à consciência moderna*. São Paulo: Abba Press 1993.

⁶ SANTOS, Carlucci Ferreira, et. All., *Porém isso na cabeça*. Arquivo Universitário, Brasília: MZ Produções Culturais 1999, p. 107 (Carlos T. Grzybowski).

Esta sim é nossa grande comissão: vivenciar o amor para estas pessoas, de formas práticas e concretas. Os ambientes sociais, a mídia, os distintos meios que as famílias frequentam estão cheios de discursos filosóficos diferentes, cada qual reivindicando para si a supremacia da interpretação da realidade. Todavia nenhuma corrente filosófica propõe o amor que o Evangelho propõe. Este amor que vai de encontro ao outro e que o toca no mais profundo de seu ser.

As famílias não cristãs ao nosso redor não estão interessadas em um bonito discurso filosófico que temos por nome cristianismo, que as acusam de serem pecadores e proclamam a solução para todas suas mazelas. Mas com absoluta certeza elas estão totalmente receptíveis para ações amorosas práticas, que partem da essência do Evangelho. O Evangelho em ação - é isso que vai fazer a diferença em nosso papel missionário em relação às famílias.

Quando me perguntam qual a melhor forma de se fazer missão urbana hoje eu digo: temos que trabalhar com as famílias. A grande maioria dos problemas sociais (violência, drogas, menores abandonados, tráfico de pessoas, etc.) têm como base a desestruturação familiar e a falta de relacionamentos significativos entre os membros das famílias.

E a solução, de tão simples, parece inatingível: basta vivenciar o evangelho integral, desenvolvendo amizades genuínas e sem segundas ou terceiras intenções, apenas com o desejo de aproximar-se fraterna e amorosamente das famílias ao nosso redor, oferecendo-lhes um ombro, um ouvido e um coração receptivo. Isso é o que as famílias mais necessitam hoje e sempre em qualquer lugar do mundo!

Na minha experiência pessoal, como terapeuta de famílias, foi somente quando eu desci de meu “altar de santidade”, do mito da família perfeita e me tornei um com os demais, entendendo que minhas ações falariam mais alto que minhas palavras, foi que eu consegui penetrar nos recônditos da “alma” das famílias ao meu redor e assim proclamar o verdadeiro Evangelho - não de bonitos discursos, mas de ações amorosas.

Concluindo quero repetir as palavras citadas no início deste capítulo:

“A família é o projeto de Deus para a humanidade. Sua primeira manifestação efetiva de graça para com o homem é o veículo de proclamação vivencial da restauração do companheirismo com Deus. Nossas famílias continuam sendo chamadas a ser estes veículos de proclamação da graça para com aqueles que andam distantes do amor divino, sendo que esta proclamação deve ser integral – palavras e ações, lembrando que estas últimas sempre falam mais alto que as primeiras!”.